

RESENHA DE “THEORIES OF LEXICAL SEMANTICS”, DE DIRK GEERAERTS

Ana Flávia Souto de Oliveira¹

anaflavia10@gmail.com

Dirk Geeraerts é, atualmente, um dos principais pesquisadores na área de Semântica Cognitiva Lexical, tendo sido um dos primeiros estudiosos a desenvolver pesquisas no âmbito da Linguística Cognitiva na Europa, a partir dos anos 1980. Contudo, seus trabalhos ainda são pouco discutidos no Brasil. Geeraerts é professor da Katholieke Universiteit Leuven (Leuven, Bélgica) das disciplinas de “Linguística Teórica” e “Semântica Lexical e Lexicologia”. Sua importante participação no desenvolvimento da Linguística Cognitiva, em geral, e da Semântica Cognitiva, em particular, fica clara pelo fato de Geeraerts ser um dos fundadores do periódico *Cognitive Linguistics*, um dos editores do *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics* (2007) e editor de *Cognitive Linguistics: basic readings* (2006a). Suas pesquisas estão voltadas às áreas de semântica lexical, lexicologia e lexicografia, com ênfase em variação social e mudança diacrônica. Nesse viés aplicado, o autor publicou livros como *Advances in Cognitive Sociolinguistics* (2010), do qual é editor, *Words and Other Wonders: Papers on Lexical and Semantic Topics* (2006b), *Diachronic Prototype Semantics* (1997) e *The Structure of Lexical Variation: meaning, naming and context* (1994).

A obra que resenhamos aqui, *Theories of Lexical Semantics*, reflete a expressiva trajetória e contribuição de Geeraerts para a Semântica Lexical, pois, mesmo que sua pesquisa acadêmica esteja em consonância com os postulados cognitivos, o autor demonstra uma profunda intimidade com as demais vertentes de investigação lexical. Seguindo uma sucessão histórica do desenvolvimento das teorias semântico-lexicais, o livro está dividido em cinco capítulos, com cada um deles sendo dedicado a uma corrente da Semântica Lexical, desde

¹ Doutoranda do PPG-Letras UFRGS em Teorias Linguísticas do Léxico, sob a orientação do Prof. Dr. Félix Bugeño Miranda.

seus primórdios, com a Semântica Histórico-Filológica, passando pela Semântica Estrutural, Semântica Gerativa, Semântica Neo-Estrutural, até os dias de hoje, com a Semântica Cognitiva. Contudo, mesmo que aparentemente independentes, Geeraerts antecipa que os capítulos devem ser entendidos como interligados, como a própria sucessão da semântica lexical. O autor afirma que “o desenvolvimento da Semântica Lexical não é apenas uma sucessão de abordagens mais ou menos não-relacionadas, mas [...] existem linhas tanto de contraste quanto de similaridade que unem uma teoria à outra”² (p.xvii). Essa ótica contrastiva e, ao mesmo tempo, de continuidade perpassa intencionalmente o livro, de modo que, além de tornar a exposição lógica, constrói no leitor uma sensação de ‘fazer sentido’ na evolução da área.

O primeiro capítulo aborda a Semântica Histórico-Filológica, tradição que surge no início do século XX, de orientação histórica e cujo foco reside na identificação, classificação e explicação das mudanças semânticas. Inicialmente, o autor apresenta três tradições de pesquisa relevantes para o surgimento dessa teoria: a etimologia especulativa, a tradição retórica e a lexicografia. Geeraerts descreve os postulados centrais dessa teoria semântica, como a concepção psicológica de significado introduzida por Hecht (1888), as considerações de Bréal (1897) sobre a relação entre o significado e a mente e os postulados de Paul (1920) a respeito da importância do contexto e do uso para a explicação da mudança semântica.

Geeraerts apresenta outras abordagens da Semântica Histórico-Filológica, como as lógico-classificatórias e concepções psicológicas alternativas, como a de Wundt (1900) e Erdmann (1910), que introduz as noções de *Nebensinn* (associações conceituais de uma expressão) e *Gefühlswert* (valores emotivos das palavras). Geeraerts, contudo, não restringe sua exposição a uma mera apresentação histórica, pois introduz questões controversas nas abordagens, como problemas do quão restrita pode ou deve ser uma descrição semântica, no caso do *Nebensinn*.

Finalmente, há ainda a introdução da pesquisa onomasiológica, de orientação cultural, com estudos focados nos objetos denotados pelas palavras, no modo como as coisas são nomeadas e classificadas na língua. Geeraerts afirma que, mesmo ocupando um papel secundário na semântica histórico-filológica, o estudo da onomasiologia é fundamental para os desenvolvimentos seguintes da Semântica Lexical, mas com uma orientação distinta, referindo-se, principalmente, à Semântica Estrutural.

² [the development of lexical semantics is not just a succession of more or less unrelated approaches, but [...] there are both lines of contrast and similarity that link the theories to one another]

Um aspecto interessante deste capítulo é a apresentação dos principais mecanismos de mudança semântica estudados por essa abordagem, pois classificações desses mecanismos constituíram a produção mais expressiva desse enfoque. Geeraerts divide os mecanismos em dois grupos, os semasiológicos e os onomasiológicos. Os mecanismos semasiológicos, nos quais há a criação de novos significados dentro da gama de aplicação de um item lexical existente, são de dois tipos, denotativo – com mudanças não-analógicas (mecanismos como a especialização, generalização, metáfora e metonímia) e mudanças analógicas (como alguns empréstimos interlinguísticos) – e conotativo, como mudanças de caráter emotivo. Já os mecanismos onomasiológicos, nos quais um conceito passa a ser expresso por um item lexical novo ou alternativo, ocorrem através de fenômenos como formação de palavras, clipagem, mesclagem e empréstimo.

Geeraerts apresenta diferentes classificações que surgiram por conta de fatores como a distinta atenção dispensada aos grupos de mecanismos de mudança linguística, as diferentes definições para cada um dos mecanismos e a diferente profundidade classificatória de cada esquema. Como expoentes da classificação da mudança semântica, são discutidas as classificações propostas por Carnoy (1927) e Stern (1931). O primeiro destaca as mudanças de significado regulares (que são graduais e coletivas) e singulares (individuais e repentinas). Stern, por sua vez, se ocupa das mudanças devidas a causas externas (como as mudanças nos próprios objetos referidos) ou puramente linguísticas. Geeraerts afirma, contudo, que nenhum dos autores explora a perspectiva onomasiológica, mesmo que, por exemplo, as mudanças semânticas intencionais sejam basicamente um processo onomasiológico. Além disso, a dificuldade em determinar se uma mudança é intencional ou não intencional prejudica uma classificação que parte dessa distinção.

Na parte final do capítulo, Geeraerts sintetiza a abordagem histórico-filológica, afirmando que ela teve um escopo empírico grande, fornecendo exemplos exaustivos dos conceitos teóricos discutidos e com foco na sua descrição. Porém, tal teoria construiu também pressupostos de importância teórica – sobre a natureza dinâmica do significado e o fato de a polissemia ser a condição natural das palavras – e questões sobre a forma como a linguagem e a mente se relacionam. Contudo, diversas questões mantiveram-se abertas, e o autor destaca que, no âmbito metodológico, por exemplo, há uma contradição em se extrair exemplos fora de contexto e textos reais, o que seria primordial numa concepção baseada no uso e pragmática.

No Capítulo II, Geeraerts trata da Semântica Lexical Estrutural, abordagem na qual foram desenvolvidas diversas linhas de pesquisa, porém todas ligadas à noção de linguagem

de Ferdinand de Saussure. Segundo Geeraerts, há uma rejeição da concepção psicológica de significado, pois “os significados são parte integral de um sistema, e [...] é apenas com relação a esse sistema, e não com relação à psique do indivíduo, que seu valor pode ser adequadamente determinado”³ (p.49). Conseqüentemente, se o objeto da descrição é um sistema, ela deve ser sincrônica e tomar uma perspectiva onomasiológica, com ênfase nas relações existentes no sistema como um todo.

Diversas posições teóricas e vários métodos descritivos surgiram neste paradigma, sendo que três vertentes são características. A primeira, a teoria dos campos léxicos, surge diretamente da posição de Weisgerber da língua como intermediária entre a mente e o mundo e o principal trabalho dessa teoria é o de Trier, que parte da imagem de um mosaico para explicar a noção de campo léxico como uma “porção de palavras semanticamente relacionadas que delineiam umas às outras mutuamente”⁴ (p.54). Geeraerts afirma que, apesar de constituir, *grosso modo*, uma análise diacrônica, o método contrastivo da teoria dos campos permite mostrar que os vocabulários não mudam pela mudança de uma palavra individualmente, mas mudam como estruturas. Mesmo que as bases estruturais dessa abordagem tenham sido bem recebidas, surgiram críticas que levaram a propostas alternativas, ancoradas em questões como a dificuldade de impor limites internos (quais elementos incluir) e externos (como demarcar cada um deles) ao campo léxico ou, com relação à terminologia, a utilização de termos como ‘campo léxico’, ‘campo semântico’ e ‘campo da palavra’ [*word field*] como sinônimos (enquanto Lyons, por exemplo, diferencia entre campo conceitual e campo léxico).

A segunda vertente, a análise componencial, constituiu um desenvolvimento lógico da teoria dos campos léxicos, alicerçada na ideia de que as relações internas dentro do campo deveriam ser descritas com mais detalhe e as oposições identificadas e definidas. Tal abordagem constituiu um modelo descritivo que sustentava que os elementos de um campo deveriam ser distinguidos a partir de oposições funcionais. Para ilustrar tal abordagem, Geeraerts apresenta, entre outros, os postulados de Coseriu, que, primeiramente, demarca o campo de aplicação da semântica estrutural e, em segundo lugar, constrói um modelo para a descrição de itens lexicais, que inclui tanto associações sintagmáticas quanto paradigmáticas, contudo, restringe-se a campos nos quais os itens lexicais mantenham uma relação clara de oposição, como ‘velho’ e ‘novo’ e ‘dia’ e ‘noite’. Geeraerts afirma que a delimitação do

³ [meanings are an integral part of a system, and [...] it is only relative to that system, rather than the psyche of the individual, that their value can be adequately determined]

⁴ [a collection of sense-related words which delineate each other mutually]

objeto de estudo feita por Coseriu “reconhece explicitamente que o método estrutural de significado não pode ser aplicado a todo o léxico”⁵ (p.78).

A terceira vertente, a semântica das relações, ancorada nos trabalhos de Lyons, desenvolve a idéia da descrição das relações estruturais, porém, focando-se na investigação de relações lexicais, como a sinonímia e a antonímia. Evitando intencionalmente a descrição do conteúdo semântico, por entender que ele não parte da estrutura da língua, sendo assim, pertencente ao nível referencial, Lyons define que “o significado da palavra pode ser definido como o conjunto total de relações de significado no qual ela participa”⁶ (p.80). Contudo, Geeraerts demonstra que, na verdade, as relações estudadas por esse paradigma não são suficientes para estabelecer o ideal estrutural, principalmente porque as relações de significado não ocorrem entre palavras ‘inteiras’, mas entre significados específicos em contextos específicos, e, numa esclarecedora conclusão, “por parecer necessário outro critério que não as próprias relações semânticas para estabelecer quais são esses significados, é difícil sustentar que uma abordagem relacional substitua uma descrição semasiológica tradicional do “conteúdo”. Parece mais apropriado afirmar que ela depende de tal análise”⁷ (p.90).

Finalmente, Geeraerts (p.91-97) aponta questões problemáticas na abordagem desenvolvida pela Semântica Estrutural lexical, como não reconhecer a relevância da semasiologia, ou seja, da estrutura interna e da polissemia dos itens lexicais. Cabe salientar que, nesse capítulo, fica evidente para o leitor a forma como o autor organiza e apresenta a sucessão de abordagens em todo o livro: de um modo bastante lógico, mesmo que denso.

O Capítulo III trata da Semântica Gerativa. Essa teoria se desenvolveu a partir dos trabalhos de Katz e Fodor, que aproximaram uma concepção estrutural de semântica a postulados da gramática gerativa. Geeraerts afirma que tal abordagem combina elementos do método estrutural – uma análise componencial – com duas outras características próprias ao tratamento gerativo: a busca por um sistema de descrição formal e uma concepção mentalista de significado. Segundo o autor, mesmo que muitos teóricos percebam essa teoria apenas como uma variante na análise componencial, a semântica gerativa é especialmente relevante, pois desempenha um papel crucial no desenvolvimento da semântica lexical.

Geeraerts apresenta o modelo de Katz e Fodor, que busca demonstrar o modo como os diferentes significados de uma palavra podem ser representados em um dicionário

⁵ [recognizes that the structural method of meaning cannot be applied to the entire lexicon]

⁶ [the meaning of the word could be defined as the total set of meaning relations in which it participates]

⁷ [since we seem to need other criteria than the sense relations themselves to establish what those readings are, it is difficult to maintain that a relational approach substitutes for a traditional semasiological ‘content description’. It seems more appropriate to state that it depends on such an analysis]

formalizado, como parte de uma gramática formal. O modelo baseava-se em dois componentes semânticos, os marcadores (parte sistemática do significado do item) e os distinguidores (parte idiossincrática do significado). Contudo, como parte de uma tradição gerativa, o modelo intenta descrever como as sentenças são interpretadas, a partir de regras de projeção que permitam aos componentes dos itens lexicais se combinarem, de forma a seus significados serem desambiguados. Segundo Geeraerts, a abordagem desenvolvida por Katz (1972) não se aproxima do paradigma estrutural apenas pelo método de descrição componencial, mas leva em consideração os fenômenos já discutidos pelo estruturalismo, ampliando ainda mais seu alcance, pois a incorporação da semântica lexical em uma gramática formal inclui relações sintagmáticas ao grupo de fenômenos considerados.

Segundo o autor, o formalismo associado a tal modelo se relaciona à tentativa não somente de determinar as propriedades e relações semânticas sintagmáticas e paradigmáticas, mas de demonstrar de que forma elas “derivam automaticamente de representações componenciais do significado e do funcionamento das regras de projeção”⁸ (p.105). Por outro lado, a introdução de uma concepção psicológica de significado está ancorada no objetivo gerativo primeiro de descrever não o sistema da língua, mas o sistema do usuário que permite a ele interpretar as sentenças. Dessa forma, o julgamento do usuário se torna a base da análise semântica.

Segundo Geeraerts, diversas sugestões e críticas foram feitas a esse modelo, de forma a melhorar seu aparato formal, como a introdução de elementos de representação da lógica formal. Porém, surgiram críticas quanto ao uso desse aparato, principalmente pelo fato da semântica composicional não ser uma teoria das condições de verdade, ou seja, de como a linguagem se conecta ao mundo. Além disso, o próprio papel da semântica dentro da teoria gerativa foi bastante questionado. Por um lado, o postulado gerativo central de que “a essência genética da linguagem é sintática” diminui o papel que pode ser atribuído ao significado na gramática. Por outro lado, a incorporação do componente semântico a esse paradigma foi essencial para outros modelos que surgiram posteriormente.

O autor destaca que, pelo interesse gerativo em descrever o conhecimento da língua (semântico), outra questão que surge é a diferenciação entre conhecimento semântico e enciclopédico, em outros termos, entre significado linguístico e a cognição de modo amplo. O modelo de Katz e Fodor busca uma diferenciação explícita entre os dois, contudo, a dificuldade em delimitá-los fica evidente, por exemplo, pela difícil diferenciação entre

⁸ [they follow automatically from the underlying featural representations of meaning and the working of projection rules]

marcadores e distinguidores. Além disso, a análise das propriedades das sentenças, como a classificação em analítica e sintética, baseia-se na mesma distinção, contudo, a dificuldade de estabelecer o que é analítico e o que é sintético cria dificuldades para uma teoria que tem base nessa oposição.

Finalmente, de modo importante, Geeraerts salienta que as discussões da semântica gerativa foram diretamente responsáveis pelo surgimento das abordagens subsequentes. Por um lado, a abordagem semântico-cognitiva vai diminuir o valor dado à formalização, buscando uma semântica maximalista, preocupada com o aspecto enciclopédico da cognição e, conseqüentemente, do significado. Por outro lado, teorias ‘neo-estruturais’ darão continuidade aos pressupostos estruturais, reforçando a formalização e a distinção entre conhecimento linguístico e cognição.

No Capítulo IV, Geeraerts apresenta as abordagens semântico-lexicais que ele denomina ‘Neo-Estruturais’. O autor justifica tal denominação pelo fato de que, mesmo heterogêneas, as teorias apresentadas neste capítulo dão continuidade, direta ou indiretamente, às ideias estruturais, incorporando ainda postulados da Semântica Gerativa. Geeraerts divide as teorias em dois grandes grupos, o primeiro, de orientação composicional, preocupado com a demarcação entre o conhecimento linguístico e a cognição de modo amplo, ou seja, com interesse na interação entre o léxico e a cognição. Neste grupo, o autor apresenta a teoria da Metalinguagem da Semântica Natural, de Wierzbicka, e as teorias diretamente ligadas ao gerativismo, a Semântica Conceitual, de Jackendoff, a Semântica de Dois Níveis, de Bierwisch, e o Léxico Gerativo, de Pustejovsky. Segundo Geeraerts, as teorias que se baseiam num método composicional apresentam uma tendência reducionista, pois reduzem a “descrição semântica a um conjunto de componentes de significado primitivos e busca[m] um nível verdadeiramente linguístico de descrição”⁹ (p.126). As teorias neo-estruturais de caráter composicional buscam conciliar tal tendência reducionista com uma perspectiva que leve em consideração a cognição de modo mais amplo, com foco nos fundamentos cognitivos da análise componencial e na interface entre semântica linguística e informações contextuais ou não-linguísticas.

Como exemplo do primeiro grupo, a teoria da Metalinguagem da Semântica Natural, de Wierzbicka, está, segundo Geeraerts, ancorada em dois princípios: o dos conceitos primitivos universais, que seriam universalmente lexicalizados, e o das paráfrases ‘reductoras’, definições expressas com o vocabulário dos conceitos primitivos. Segundo tal modelo,

⁹ [semantic description to a set of primitive meaning components, and looks for a truly linguistic level of description]

existiria um núcleo de essência na definição, que estaria presente quando as categorias são utilizadas, de forma que é esse componente constante que deveria ser descrito, pois, para essa teoria, “a mente é nítida, mas o mundo é impreciso [*fuzzy*]”¹⁰ (p.127). Contudo, o autor apresenta críticas feitas a essa abordagem. Quanto ao primeiro pilar da teoria, por exemplo, não há um método de avaliação da universalidade dos conceitos, sua lexicalização universal não é comprovada e não é fornecida por essa teoria uma explicação a respeito da forma como os conceitos se conectam à realidade extra-linguística, o que o autor chama de ‘problema da conexão referencial’.

Outra teoria apresentada por Geeraerts nesse primeiro grupo é a Semântica de Dois Níveis, que busca “fornecer um modelo para a interação do conhecimento linguístico [*word knowledge*] e o conhecimento de mundo em contextos reais de uso”¹¹ (p.143), a partir de uma visão modular da cognição. Esse modelo, segundo o autor, leva em consideração a flexibilidade contextual do significado, mas assim como os outros acima relega essa flexibilidade a outro nível de descrição que não o semântico. Haveria, assim, um nível linguístico, com uma definição semântica única, e um nível contextual, no qual fatores contextuais produziram elaborações do significado unitário. O modelo, segundo Geeraerts, foi passível de críticas, por apresentar definições muitas vezes abstratas e esquemáticas, insuficientemente distintivas, e por alguns processos de contextualização não poderem ser compreendidos sem referência ao conhecimento enciclopédico. O autor apresenta ainda o problema trazido a esse modelo pela mudança linguística (um dos principais tópicos de pesquisa de Geeraerts), com a consideração da divisão rígida entre conhecimento linguístico e enciclopédico: “o reconhecimento de que uma certa interpretação pode ser alcançada contextualmente não exclui que ela também vá deixar vestígios, mesmo que fracos, no inventário armazenado dos itens; senão, o inventário nunca mudaria”¹² (p.146).

No segundo grupo de teorias, Geeraerts apresenta abordagens com uma preocupação mais explícita quanto à formalização do significado linguístico (mesmo que as teorias do grupo acima também tenham esse tipo de preocupação), mas ligadas à Semântica das Relações e a uma semântica lexical de caráter computacional. Neste grupo, o autor apresenta o projeto WordNet, a teoria Sentido-Texto, de Mel’čuk, e a análise distribucional de *corpus*. As duas primeiras abordagens fornecem dados ou formatos de descrição que contribuem para a construção de léxicos formalizados (dicionários legíveis por máquina), utilizados em

¹⁰ [the mind is neat, but the world is fuzzy]

¹¹ [provides a model for the interaction of word knowledge and world knowledge in actual contexts of use]

¹² [the recognition that a certain interpretation can be reached contextually does not exclude that it will also have to leave a trace, however weak, in the stored inventory of items; if not, the inventory would never change]

aplicações computacionais e relacionados ao Processamento Simbólico da Linguagem Natural. O terceiro enfoque, a análise distribucional, relaciona-se à semântica lexical computacional de caráter estatístico, com foco nos padrões extraídos de *corpora* através de análises estatísticas, e se liga ao paradigma de Processamento Estatístico da Linguagem Natural.

A teoria Sentido-Texto, de Mel'čuk, por exemplo, baseia-se na identificação de um amplo conjunto de relações paradigmáticas que ocorrem de modo recorrente, chamadas de 'funções lexicais'. As funções lexicais participam da descrição de padrões léxico-sintáticos e não apenas especificam relações semânticas paradigmáticas entre lexemas, mas também restrições de coocorrência sintagmática entre palavras. Uma das aplicações mais famosas dessa teoria é seu emprego na confecção do Dicionário Explicativo e Combinatório do Francês. Segundo Geeraerts (p.164), essa teoria "contém toda uma série de relações paradigmáticas que não são incluídas no conjunto usual de relações semânticas, e uma ampla gama de relações sintagmáticas"¹³, o que a torna altamente rica e produtiva. Contudo, assim como as abordagens anteriores do paradigma neo-estrutural, essa teoria encontra problemas de demarcação entre os conhecimentos linguístico e enciclopédico, como salientado pelo autor, como a não inclusão da relação parte-todo dentre as funções lexicais, por entender que ela pertence ao nível enciclopédico de descrição, mas incorporar funções que podem ser entendidas como de meronímia dentre a gama de relações linguísticas.

O Capítulo V apresenta as teorias desenvolvidas pela Semântica Cognitiva lexical. Essa vertente toma uma posição maximalista com relação à cognição e linguagem, na qual não há divisão entre semântica e pragmática – por seu caráter baseado no uso – na qual a linguagem é analisada como integrante da cognição de modo amplo. Tal teoria baseia-se nas idéias de que o significado é contextual, pragmático e flexível, que ele é um fenômeno cognitivo e que envolve perspectivação [*perspectivization*]. Geeraerts apresenta quatro contribuições da Semântica Cognitiva ao estudo lexical: a utilização da Teoria Prototípica ao estudo lexical, a Teoria da Metáfora Conceitual, a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados e Frames e, finalmente, as contribuições de viés cognitivo ao estudo da mudança semântica.

A Teoria Prototípica tem suas origens nos trabalhos psicolinguísticos de Eleanor Rosch, nos quais a autora postulou que as categorias prototípicas (i) exibem graus de tipicidade, ou seja, nem todos os membros são igualmente representativos da categoria, (ii) apresentam uma estrutura de semelhança de família, na qual sua estrutura semântica adquire a

¹³ [it contains a whole series of pragmatic relations that are absent from the usual set of semantic relations, and it adds a whole array of syntagmatic relations]

forma de um agrupamento radial de leituras [*readings*] sobrepostas, (iii) têm limites difusos e (iv) não podem ser definidas por um único conjunto de atributos. Geeraerts aponta que tais características são entendidas como efeitos prototípicos e que as categorias prototípicas não precisam apresentar todas elas ao mesmo tempo, o que torna o conceito de prototipicidade também uma noção prototípica. A apropriação dessa teoria por parte da linguística é exemplificada por Geeraerts em dois níveis lexicais: extensional e intensional. Por um lado, na caracterização extensional de uma categoria, podem ocorrer efeitos de saliência – como no significado de *fruit* “parte comestível que contém semente de uma planta”, pois maçã e banana são, por exemplo, mais típicos que romã – e problemas de demarcação na categoria – tal como delimitar se azeitona e castanhas são ou não frutas. Por outro lado, na caracterização intensional da categoria lexical, pode haver um agrupamento a partir de semelhanças de família que caracterizaria a distribuição dos membros e um significado, como o apresentado acima, pode não ser definível a partir de traços necessários e suficientes – pois tal definição não se torna suficientemente distintiva, incluído, por exemplo, vegetais como a vagem. Essa discussão foi ampliada ainda para lidar com casos de polissemia, ou seja, descrever a estrutura semasiológica do item lexical. O item lexical é, dessa forma, visto como uma categoria que exhibe efeitos prototípicos. Contudo, o autor lembra que o modelo foi alvo de críticas, como as de Kleiber, que argumenta que os dois tipos de fenômenos destacados acima (a aplicação de um significado e a estrutura semasiológica geral de um item lexical) são bastante diferentes para serem entendidos da mesma forma.

A segunda teoria apresentada por Geeraerts é a Teoria da Metáfora Conceitual, desenvolvida a partir dos trabalhos de Lakoff e Johnson. Nessa visão, a metáfora é entendida como um fenômeno cognitivo, e não apenas lexical, no qual há um mapeamento entre dois domínios – um mais concreto e experiencial que serve como base para o entendimento de outro mais abstrato – cujo processo é fundamentado experiencialmente, pois a linguagem é moldada através da experiência (corpórea) humana. Essa teoria, apesar de bastante produtiva nesse paradigma, suscitou diversas críticas, como o problema no estabelecimento dos mapeamentos apropriados para cada metáfora e a diferenciação entre realizações de mapeamentos metafóricos e significados de itens polissêmicos que não evocam mais qualquer mapeamento.

Os enfoques apresentados a seguir por Geeraerts advêm da perspectiva enciclopédica defendida na Semântica Cognitiva: o conhecimento do mundo é organizado em categorias amplas, ‘pedaços grandes de conhecimento’, e “uma concepção enciclopédica de significado linguístico [...] requer uma forma de representar esses pedaços maiores de conhecimento e um

meio de relacionar todos os itens lexicais relevantes a essa estrutura conceitual ampla”¹⁴ (p.222). Essa postura implica na adoção de um enfoque onomasiológico por parte da Semântica Cognitiva, porém, diferente do estrutural, por entender que é apenas a partir da referência a estruturas maiores de conhecimento e experiência que o significado lexical pode ser descrito. Duas teorias que partem dessa noção ampla de cognição e significação são a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, vinculada ao trabalho Lakoff, e da Teoria de Frames, ligada ao nome de Fillmore. A Teoria de Frames constitui-se num modelo de análise lexical que se interessa pelo “modo como a linguagem pode ser utilizada para perspectivar [*perspectivize*] uma conceitualização subjacente do mundo”¹⁵ (p.225), relacionando palavras a frames e entendendo que a relação entre palavras é indireta, mas diretamente ligada ao frame a qual elas pertencem.

Finalmente, Geeraerts apresenta as contribuições de viés cognitivo ao estudo da mudança semântica. Nessa abordagem, entende-se que os “novos significados lexicais emergem no contexto do uso da língua”¹⁶ (p.230), no qual é destacada a diferença entre significados descontextualizados (estocados na memória semântica) e leituras contextualizadas (realizadas no discurso). O autor apresenta modelos de descrição da mudança semântica, como a Teoria da Inferência Sugerida para a Mudança Semântica (Traugott), mas destaca principalmente abordagens que enfatizam a descrição dos mecanismos e regularidades da mudança semântica. Dentre os trabalhos nessa área destaca-se o estudo do próprio autor (GEERAERTS, 1997), que se utiliza da teoria prototípica para descrever a mudança semasiológica, em sintonia com as características prototípicas apresentadas anteriormente.

Geeraerts finaliza o capítulo frisando que, apesar de ser uma abordagem já estabelecida e bastante produtiva, a Semântica Cognitiva lexical apresenta questões pouco exploradas, tais como o estreitamento de sua relação com a psicologia (ponto central na gênese dessa abordagem) e o desenvolvimento de uma metodologia de trabalho que esteja em consonância com uma análise baseada no uso.

É fundamental lembrar que, ao longo do livro, Geeraerts salienta que diversos dos postulados de teorias mais recentes não são originais, como a própria ideia “semântico-cognitiva” de que a metáfora é um fenômeno de viés conceitual, não somente linguístico, ou os conceitos de significado de caráter genérico (estocados) e significado contextualizado,

¹⁴ [an encyclopedic conception of linguistic meaning [...] requires a way of representing those larger chunks of knowledge, together with a means of linking all the relevant lexical items to that broader conceptual structure]

¹⁵ [the way in which language may be used to perspectivize an underlying conceptualization of the world]

¹⁶ [new word senses emerge in the context of factual language use.]

ambos os tópicos já desenvolvidos nas discussões semântico-lexicais desde a Semântica Histórico-Filológica.

Geeraerts faz considerações bastante ponderadas e, muitas vezes, negativas a respeito das teorias, inclusive reconhecendo limitações daquelas que ele próprio utiliza. Por exemplo, mesmo que em suas pesquisas o autor se valha da análise de *corpora*, ele salienta que tal metodologia sozinha não é suficiente para a obtenção de informações semânticas, principalmente no que diz respeito ao significado referencial.

Contudo, mesmo que neste trabalho o autor tenha pretendido apenas “apresentar as teorias, não argumentar a favor de uma delas” (p.xi), percebe-se que, durante sua exposição, assuntos abordados em seus trabalhos são sistematicamente apresentados ao leitor e discutidos: há, por exemplo, uma forte crítica pela pouca pesquisa onomasiológica realizada no âmbito semântico-lexical e uma insistência pela impossibilidade de que o conhecimento linguístico e enciclopédico possam ser analisados de forma separada.

O livro é bastante didático, pois apresenta teorias e noções linguísticas bastante complexas em uma linguagem de fácil compreensão, com exemplos e contextualização. Contudo, longe de demonstrar superficialidade, fica explícito um conhecimento acumulado e desenvolvido através de sua trajetória acadêmica, tanto como professor de disciplinas relacionadas à área semântico-lexical quanto como pesquisador de destacada importância em diversas matérias, como onomasiologia, metonímia, mudança semântica, teoria prototípica, entre outras, fato que fica ainda mais evidente nas sugestões de leituras adicionais encontradas ao final de cada capítulo. Assim, Geeraerts vai além da apresentação dos fundamentos de cada teoria semântico-lexical, pois apresenta as bases teóricas de cada abordagem, exemplifica a metodologia empregada por cada uma delas e discute questões que as teorias não abordaram ou resolveram apenas de forma parcial. Desse modo, o autor consegue fazer sentido da sucessão das diferentes escolas de pensamento e explicitar de que maneira cada uma das teorias teve origem, por um lado, com postulados que iam contra outras abordagens e, por outro, com pontos que se ancoravam em fundamentos de teorias anteriores.

O livro *Theories of Lexical Semantics* é uma obra fundamental para qualquer pesquisador da área da Linguística, principalmente para aqueles que estudam semântica lexical, lexicologia e lexicografia, pois, além de ser o único livro em forma de manual que trata do tema, serve, certamente, como uma fonte segura e bastante aprofundada das teorias da área, que informa o leitor dos diversos caminhos possíveis na investigação semântico-lexical ao mesmo tempo em que o adverte para os possíveis problemas que podem ser encontrados nesse percurso.

REFERÊNCIAS

1. GEERAERTS, D. (editor). *Cognitive Linguistics*, Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1990-.
2. _____. *Diachronic Prototype Semantics: A Contribution to Historical Lexicology*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
3. _____ (org.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006a.
4. _____. *Words and other wonders: Papers on Lexical and Semantic Topics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006b.
5. _____; GRONDELAERS, S.; BAKEMA, P. (org.). *The structure of lexical variation. Meaning, naming, and context*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1994.
6. _____; CUYCKENS, H. (org.). *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.
7. _____; KRISTIANSEN, G.; PEIRSMAN, Y (org.). *Advances in Cognitive Sociolinguistics*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2010.

GEERAERTS, Dirk. *Theories of Lexical Semantics*. New York: Oxford University Press, 2010. 341p.